

APONTAMENTOS SÓCIO-HISTÓRICO- CULTURAIS SOBRE O FUTEBOL NO BRASIL E EM BELO HORIZONTE, MINAS GERAIS

Marcel de Almeida Freitas¹

Resumo Abstrat

O texto a seguir, partindo de uma lógica que vai do geral ao particular, apresentará 1- algumas visões e análises sócio-históricas sobre o futebol no Ocidente e que se apoiam tanto na visão crítica quanto na defensora, 2- como o futebol chegou ao Brasil e como se consolidou como esporte nacional, 3- o modo como foi introduzido na capital do Estado de Minas Gerais que, coincidentemente, foi planejada e construída no mesmo período da entrada do futebol no país:

The following paper, based on the logic that goes from the general to the particular, will present 1- some socio-historical views and analyses about the soccer in the Occident and that are supported such in the critical as in the defense vision, 2- the way soccer arrived Brazil and how it was consolidated as national sport, 3- the way it was introduced in the capital of the State of Minas Gerais that, coincidentally, was planned and constructed in the same

¹ Antropólogo, Mestre em Psicologia Social, Professor do Sistema UNIP/Objetivo em Belo Horizonte/MG.

final do século XIX e início do século XX e, por fim, 4- algumas implicações teóricas para os profissionais da área da Educação Física sobre tais questões contingentes e contextuais sobre o futebol em suas práticas didáticas. Palavras-chave: Futebol brasileiro; identidade nacional; culturas locais

period of the insertion of soccer in the Brazil: the end of the nineteenth century and beginning of century the twentieth, and, finally, 4- some theoretical implications for the professionals of the Physical Education area about the contingent and contextual questions related to soccer in their practical didactics.

Keywords: Brazilian soccer; national identity; folk cultures

Introdução

Tem-se afirmado com relativa veemência que o interesse do povo brasileiro pelo futebol substituiria satisfações mais reais e concretas; entretanto, tal 'verdade' não passa de falácia enquanto não se precisar 'o que' está sendo chamado de substituinte e/ou de substituído: de que realmente as pessoas necessitam e o que o futebol está 'entrando em seu lugar' como substitutivo? Foi a partir destas questões que se constituíram duas grandes vertentes explicativas para esta instituição sociocultural. Assim, existem os estudos sobre futebol, produzidos especialmente por sociólogos nos anos 1970, que enfatizam que tal esporte oferece aos brasileiros um ópio para distraí-los da miséria, da falta de moradia, da não participação política ou da violência urbana. Outros trabalhos, mais

complexos e iniciados na década de 1980, a partir de Roberto Da Matta (que foi influenciado por Gilberto Freyre), postulam que o futebol é um ambiente de vivência democrática, espaço de constituição e exercício da identidade nacional.

Os teóricos que encaram o futebol enquanto fator de alienação social não vêem tal esporte como uma ingênua manifestação espontânea da 'cultura brasileira'; o seu postulado é que o futebol é uma atividade lúdica discretamente explorada pelo poder dominante e pela mídia. Nesse jogo, 'o povo' sempre sairia perdendo e – literalmente, tomando-se o aspecto semântico da palavra – ludibriado², sendo ardilosamente impelido a trocar uma participação democrática por um passatempo 'vazio'. Por outro lado, a obra de Da Matta (1979) estimulou a adoção de outro olhar sobre este fenômeno social. Um primeiro aspec-

² Lúdico e ludibriado têm a mesma raiz latina.

to, que tangencia a Ciência Política, seria o argumento de que o futebol igualaria a todos, nivelaria brancos e negros, ricos e pobres. Regras impessoais e objetivas vigorariam nessa esfera, à diferença do que ocorreria em outras esferas públicas brasileiras.

Outro dentre os argumentos de apoio à prática do futebol é que praticamente qualquer menino pode ter o sonho de ingressar numa seleção brasileira, visto que a admissão numa magistratura ou no quadro docente de uma grande universidade brasileira soaria como ridículo para as classes mais baixas, tendo em conta que tais instâncias não fazem parte da realidade de meninos de periferia: a maioria não sabe o que significa isso. Outro aspecto colocado pelos entusiastas do futebol é que ele é passível de ser comentado e opinado por todos; dirigir críticas a seus dirigentes não configura risco de punição como acontecia quando se reprovava os dirigentes do país na Ditadura. Não existe, nessa área, um único saber legítimo que recuse a palavra e os saberes 'populares'.

Tal experiência de igualdade permitiria a prática criativa e a vivência de alguma liberdade aos brasileiros, também proporcionando-lhes a sensação de estarem inseridos em algo maior, algo realmente grandioso. Portanto, a 'socieda-

de brasileira futebolística' não seria alienação política já que alcança – e principalmente ela – uma dimensão efetivamente nacional. Sem dúvida, esta sensação de plenitude também existe em outras nações – Alemanha, Inglaterra, Itália – onde o futebol é admirado, todavia, ganha dimensões extraordinárias quando através dele acontece um patriotismo que não consegue ser alcançado por nenhum outro fenômeno, nem mesmo pelo carnaval ou pela religiosidade. Logo, para tal posicionamento teórico – que percebe o futebol em seus aspectos positivos – é essencialmente no âmbito do jogo, e não através de outros níveis da vida nacional (legislação pretensamente cega, discurso tecnocrático-científico ou militar ufanista), que os brasileiros constituem uma nação. Nessa sociedade verdadeiramente geral, todos reconhecem uns nos outros um alter ego de fato, e não alguém abstratamente igual, como por exemplo, no caso do sujeito eleitor. Assim, o futebol faria o brasileiro se sentir um indivíduo universal em meio a tantos outros universais.

A postura crítica em relação ao futebol, cujos principais autores são posteriormente tratados aqui, busca mostrar outras características deste fenômeno. Para ela, nos dias de vitória, em especial nas finais de Copa do Mundo, assiste-se a uma verdadeira convulsão social

e a coletividade brasileira passa de um estado de pulverização a um estado de comunhão dionisíaca, quase orgiástico. No entanto, conforme esta linha de reflexão, tal vivência igualitária não se prolonga num projeto político que ambicione abranger outras instâncias sociais. Outro comentário pertinente é que a temporalidade lúdica é intrinsecamente anárquica, constituída de instantes descontínuos. Nada de concreto e 'útil', que possa penetrar nos campos político e econômico, se consolida a partir da unificação popular propiciada por este esporte.

Pelo fato de que os jogos não possuem história, mas apenas uma crônica – algo como 'o passado não vale nada, o que interessa são os resultados futuros' – não se exercitaria um continuísmo de ação a partir da experiência deste esporte. Por fim, preconizam que a 'democracia futebolística' não se desdobra em outras formas de participação democrática, esgota-se em si própria. Então, a divergência de ambas abordagens seria aqui localizável: enquanto que para 'os herdeiros' de Gilberto Freyre, como FILHO (1964), o futebol pode engendrar uma pré-cidadania, para os teóricos que o exprobram o futebol nada mais realiza que uma pseudocidadania. Conforme esses últimos, isso é interessante para as elites, que através dos grandes mei-

os de comunicação dizem de modo subliminar: 'para que ir além, para que mudar/refazer a sociedade se já somos irmãos no futebol', ou 'não há motivo de insatisfação para com seu país, só ele é penta', entre outras mensagens ideológicas.

Com efeito, o texto a seguir, partindo de uma lógica que vai do geral ao particular, apresentará 1- algumas visões e análises sócio-históricas sobre esse esporte no Ocidente e que se apóiam tanto na visão crítica quanto na defensora, 2- como o futebol chegou ao Brasil e como se consolidou como esporte nacional, 3- o modo como foi introduzido na capital do Estado de Minas Gerais que, coincidentemente, foi planejada e construída no mesmo período da entrada do futebol no país: final do século XIX e início do século XX e, por fim, 4- algumas implicações teóricas para os profissionais do âmbito da Educação Física sobre tais questões contingentes e contextuais sobre o futebol em suas práticas didáticas.

Esportes: uma análise psicossocial

Até meados de 1960 o esporte era interpretado, no meio acadêmico, como um fenômeno social menor e a-político, não sendo plenamente digno das Ciências Huma-

nas como objeto científico. Com ele se preocupavam principalmente os psicobiólogos, interessados em aumentar os rendimentos corporais em competições esportivas. Entretanto, na década de 1970, o esporte começa a despertar o interesse de outros intelectuais – historiadores, antropólogos e sociólogos. Para isso contribuíram o movimento intelectual designado ‘Nova História’ que, diversamente da História tradicional, passou a lançar luz sobre os fatos cotidianos e privados, bem como a Teoria Crítica desenvolvida pela Escola de Frankfurt, fundamentada num neomarxismo. A principal indagação de então era referente a coisificação das pessoas e a instrumentalização das relações humanas em todas as áreas da vida, esferas cada vez mais dominadas pela razão produtiva capitalista.

Assim como na cultura e na produção artística, também no futebol a lógica de mercado estaria sujeitando essas atividades, e o advento da indústria cultural marcaria tal processo social. Enquanto esfera humana de entretenimento, o esporte estaria sendo ‘vítima’ desta mercantilização, incorporando gradualmente valores e princípios da indústria e do setor financeiro. Para Adorno (1986) o esporte teria o papel de coisificar o sujeito, moldando-o à máquina. Tal como a indústria disciplinava o operário, o esporte trei-

nava o corpo do atleta para que obtivesse determinadas ‘conquistas’ – cada vez maiores, preferencialmente. Logo, quer no esporte quer na fábrica, a disciplina imposta almejava a mesma coisa: “(...) a execução de uma ordem recebida. Ela deve ser racionalizada, treinada e exata. O agente se torna um mecanismo preparado (...) para a realização da ordem” (RAMOS, 1984:25).

Esse pesquisador, apresentando suas críticas ao esporte moderno, considera-o um fenômeno eminentemente burguês. Entende-o como um sistema alienado de ação humana bem como uma estrutura psicossocial de adaptação (socialização) e integração a uma ordem pretensamente imutável e, ainda, como fator de compensação psíquica. Segundo Lukács (apud RAMOS, 1984), a lógica que rege as competições esportivas no ocidente provém de uma racionalidade inerente à produção capitalista; neste sentido, em ambas as esferas da vida – esporte e produção material – os indivíduos seriam ordenados e controlados. Exemplificando, o autor conta que no regime de Mussolini foi criada a organização *Dopo Lavoro*, com a finalidade de propiciar às camadas operárias italianas a prática de vários exercícios físicos. Os propósitos ideológicos dessa iniciativa para o autor, eram, entre outras coisas, que mantivesse o povo psicologicamente ocupado/distraído (distante da

política), além de sadio e produtivo corporalmente.

Ramos (1984) descreve que, por volta dos anos 1940, o nazismo alemão e o fascismo italiano incentivavam as atividades físicas em estreita correlação com as campanhas bélicas. Segundo Adorno (1986), na Alemanha hitlerista a agressividade, a violência e mesmo a crueldade eram exercitadas tanto nos exércitos como nos esportes dentro de rígido autoritarismo e disciplinamento baseados em regras severas. A apreciação quanto ao futebol sob a vertente da Teoria Crítica, onde este intelectual se situa, enfatiza 1- sua dimensão ideológica (a igualdade de disputas no campo seria similar a uma igualdade de chances na vida – o que sabemos ser algo irreal em ambas as esferas) e 2- a dimensão da despolitização do esporte (o engajamento no jogo afastaria as pessoas da problematização das diretrizes políticas, tornando-as conformadas a determinado sistema social, visto que nem mesmo se dão conta do que acontece naquele âmbito).

Também a produção de Bourdieu (1983, 1989) sobre os esportes e sobre o futebol em especial nos permite compreender esta forma lúdica como um espaço sui generis da vida moderna. Para ele, o campo possui uma diferenciação social particular, organizado segundo regras específicas e tendo relativa autonomia em referência aos aspectos políticos, econômicos e religiosos. Ainda segundo o autor, no campo os combates giram em torno da definição e dos usos legítimos do corpo. Esta luta não é somente entre os membros de times rivais, mas também se dá em relação a dicotomias simbólicas como esporte amador versus esporte profissional, esporte de elite versus esporte de massa. Ele frisa também que o advento da profissionalização do esporte, em especial o futebol, implicou uma série de mudanças na maneira de praticá-lo e no seu significado social. No que se refere ao atleta profissional, vê na carreira esportiva um meio de ascensão social para as classes³ dominadas econômica e socialmente (classes 'populares').

³ Neste texto entenderemos por 'classe social' aquele tipo de subdivisão da sociedade que define o modo como as pessoas interagem umas com as outras tendo em vista posições, papéis e status sociais definidos a partir de aspectos ligados ao âmbito sócio-econômico, sobretudo a partir da ocupação, nível de escolaridade, padrão e poder de consumo, faixa de renda, capacidade de aquisição de bens, etc. Partindo desta conceituação evidentemente weberiana, podemos dizer que estas inserções, conjugadas diferentemente, moldam crenças, valores, estilos de vida e de lazer, enfim, articulam certas subjetividades e identidades sociais.

Exemplo desse processo de mudança seria o futebol brasileiro, como mostramos adiante. O conceito de 'campo', desenvolvido por Bourdieu (1983), nos permite refletir sobre os conflitos pela definição oficial de um estilo de organizar e de praticar o futebol no Brasil, que se afirmou realmente a partir da Copa de 1970. A disputa tácita girava basicamente em torno do seguinte antagonismo: futebol arte versus futebol técnica. De acordo com Gil (1994), a partir de 1974 duas correntes de concepção acerca do futebol se articulam no país: uma de orientação esquerdista, que propunha a volta de uma modalidade mais improvisada, alegre e maliciosa de jogar e outra que propugnava a integração do futebol brasileiro aos modelos adotados em países europeus, onde predominava a força e os esquemas táticos rígidos. Justificavam sua posição argumentando que isso faria com que o país entrasse para a seleta elite do futebol mundial, onde predominava a maneira objetiva e competitiva de praticar esportes em geral.

Outra obra importante para apreendermos os esportes nas sociedades atuais é a de Elias & Dunning (1992). Ao discorrer sobre a realidade dos desportos, os autores ressaltam que compreender essa esfera da realidade significa contribuir para se conhecer o social como

um todo, principalmente num momento em que cada vez mais pessoas utilizam seu tempo em práticas esportivas e de lazer. Quanto a isso, citam o sociólogo alemão Claus Offe (apud ELIAS & DUNNING, 1992), que postula que o trabalho e o mundo do trabalho cada vez têm menos presença na vida e na subjetividade dos indivíduos. A preocupação desses autores é entender, numa perspectiva sociológica, o que motiva e que prazer advém da tensão, do confronto e até mesmo da violência nas atividades esportivas nas sociedades ocidentais. Para eles, o 'ensino' (formal e informal) do esporte que é dado especialmente aos meninos desde cedo é um processo civilizatório, pois os introduz em certos sistemas simbólicos, formas de controle do corpo e técnicas de 'combate' valorizados por nossa sociedade. Desta sorte, o futebol pode ser analisado como mais um – entre outros – institucionalizador da pessoa humana.

Este enfoque de Elias & Dunning (1992) sobre a violência nos esportes constitui um exemplo do corpo teórico e investigativo denominado Sociologia configuracional, corrente influenciada pela Psicologia da Gestalt: uma tentativa de conjugar o individual e o social numa abordagem integrada de análise sociológica. Eles destacam a questão de o desporto e o lazer te-

rem sido menosprezados como assuntos de pesquisa em Sociologia e devido a isso muito da produção que hoje existe (ainda que escassa) é de origem norte-americana e se detém em problemas específicos da didática de Educação Física, carecendo de apresentação das relações sociais mais gerais. Segundo eles, uma exceção neste descaso foi o fenômeno dos hooligans ingleses, que atraiu a atenção de teóricos envolvidos com o desvio e de marxistas preocupados com a marginalidade. Os autores assinalam, como uma das razões para a referida negligência, o fato de que

“(...) no tempo em que os contornos básicos da moderna sociologia se estabeleceram, tal como raça, o desporto não era – ou, mais propriamente, não era considerado pelos ‘fundadores’ – o espaço dos problemas sociais sérios (...) muitos teriam argumentado que o desporto não constituía nem uma propriedade básica nem universal do ‘sistema social’ [como trabalho ou religião]” (ELIAS & DUNNING, 1992:15).

Outro dos principais indicadores da importância do esporte, especialmente do futebol, no cenário social do Ocidente é que, pelo menos em se tratando dos círculos masculinos das sociedades industriais, enquanto matéria de interesse e de discussão, rivaliza e não raro ultrapassa o tema sexualidade. Por outro lado,

poucos hesitam em relação à importância política de eventos como os Jogos Olímpicos ou mesmo a Copa do Mundo de Futebol, posto que a utilização do boicote aos jogos foi uma estratégia bélico-política relativamente comum. Por essas razões, os autores acreditam que “(...) o desporto pode ser utilizado como uma espécie de ‘laboratório natural’ para a exploração de propriedades das relações sociais” (ELIAS & DUNNING, 1992:18).

Elias & Dunning (1992) informam que as raízes de esportes coletivos como o football, o hockey e o rugby, no contexto europeu, podem ser localizadas nas variações regionais dos embates medievais e das ‘brincadeiras’ agressivas aldeãs. Naquela época, os contendores-jogadores envolviam-se em manifestações deveras livres em relação a corporalidade e às emoções e exerciam o autocontrole de maneira tênue. Com efeito, tais duelos coletivos eram uma espécie de afrontamento grupal ritualizado. Nas expressões lúdicas, a lógica patriarcal da sociedade ficava exposta, sendo que a primeira grande mutação significativa, no sentido de uma ‘modernização’ desses jogos, aconteceu por volta do século XIX nas escolas públicas inglesas. Daí em diante, tais veículos de expressão viril, como o nomeiam os autores, foram aproveitados como instrumento para o treino militar. Os cientistas demonstram, através de pes-

quisa bibliográfica, que "(...) os colegas não se preocupavam nada com a bola, excepto quando se lhes proporcionava um pretexto decente para dar pontapés" (ELIAS & DUNNING, 1992:396).

Já segundo Almeida (1995), na Idade Média o valor viril e o ímpeto guerreiro de pilhagem material e de predação sexual foram se ritualizando em modos simbólicos e lúdicos. Ele menciona, como uma das conseqüências disso, o surgimento do amor cortês no século XII. Tal constatação se adequa à formulada por Elias e Dunning (1992) a respeito dos esportes coletivos na Europa. Neste contexto, um elemento sempre ficou excluído: o feminino. Desta forma, "(...) o feminino era como o masculino, só que menos bem conseguido, menos quente, menos activo. O corpo masculino (...) encarnava a realização exemplar" (ALMEIDA, 1995:79). Esse autor ainda coloca que os jogos masculinos nas culturas onde vigora a masculinidade hegemônica⁴ se baseiam na formação de equipes e subgrupos extensos com intensa atividade física, acontecendo em espaços amplamente públicos. Portanto, culturalmente, o corpo masculino é ensinado a ser

usado 'para fora'; alguns exemplos práticos desta naturalização do social no corpo seriam a recorrência de pontapés, chutes, socos e combates corporais entre meninos. Quanto às garotas, em geral suas práticas lúdicas privilegiam a destreza e a graciosidade corporal, onde os movimentos circulares são estimulados e geralmente são realizadas em espaços reduzidos em pequeno número de participantes.

Início histórico do futebol no Brasil

O futebol é um fenômeno sócio-cultural de grande notabilidade para o povo brasileiro e para a sociedade ocidental de maneira geral e por esta razão o estudo deste evento vem adquirindo relevância no meio acadêmico brasileiro nos últimos anos. Desta feita, a intelectualidade brasileira cada vez mais está se dedicando a investigar a inserção cultural, social, econômica e psicológica do futebol e as imensas possibilidades de sua articulação teórica com outros campos temáticos: classe, raça, trabalho e, ainda restritamente, gênero. Nas Ciências

⁴ Conforme enunciação textual do autor seria "(...) [uma] estrutura de relações sociais, em que várias masculinidades não-hegemônicas subsistem, ainda que reprimidas e auto-reprimidas por esse consenso e senso comum hegemônico, sustentado pelos significados simbólicos incorporados" (ALMEIDA, 1995:155).

Sociais podemos localizar em Freyre (1948) o começo sistemático das análises sociológicas sobre o futebol brasileiro. Desta feita, nesta parte do texto almejamos apresentar resumidamente as principais investigações da área de Ciências Sociais referentes ao futebol no Brasil.

Rosenfeld (1993), um intelectual alemão, principia seu trabalho assumindo que o futebol foi sua porta de entrada para a cultura brasileira e em função disso surgiu o interesse em proceder a um estudo sobre este tema, se propondo a inquirir a que necessidades e tensões profundas tal esporte propicia a descarregar. No seu entender, causas históricas únicas, difíceis de localizar, são capazes de ter como consequência a apropriação e posterior massificação de um determinado esporte num dado país, pois "(...) um êxito tão exclusivo como o do futebol no Brasil, com a complexa repressão do jogo do rugby, igualmente exercitado a princípio, dá o que pensar" (ROSENFELD, 1993:74). Ele advoga que interpretar o futebol como um fenômeno social de primeira grandeza na vida nacional possibilita que se compreenda a sociedade brasileira em outros assuntos.

Desde o descobrimento, até mais ou menos a época da Proclamação da República, em 1889, os exercícios físicos restringiam-se, no Brasil, a realizações práticas como caçadas, pescarias, montaria, natação e navegação em rios (RAMOS, 1984). Os escravos negros e os brancos pobres das grandes cidades praticavam, muito espaçadamente, a capoeira⁵, visto que esta atividade lúdica era proibida e patrulhada. Até então, a esfera esportiva não havia se constituído de modo autônomo, logo, não havia nenhum esporte de destaque. A atividade lúdica estava intimamente imbricada à atividade prática, ao esforço do trabalho diário. Na virada do século XIX para o século XX, quando os escravos já estavam libertos, a República fora proclamada e existia intensa imigração para o Brasil destinada a trabalhar nas indústrias que se instalavam nos centros urbanos, criam-se condições psicossociais para que o esporte se instale definitivamente. É neste período também que se começa a falar em identidade nacional brasileira.

Na Europa e nos Estados Unidos a popularização dos esportes coletivos esteve ligada à indus-

⁵ Ao contrário do que postulam alguns membros do movimento negro e da capoeira, era freqüente que nos cortiços das cidades como Rio de Janeiro, Salvador, Recife, imigrantes italianos, espanhóis, portugueses entre outros se dedicassem a esta atividade, e também eram punidos e policiados por tal. Os laudos policiais daquele período coletados por SOARES (1993) apontam pessoas de várias origens étnico-raciais envolvidas nesta prática então ilícita.

trialização e ao surgimento das grandes cidades no início do século XIX. O triunfo do esporte enquanto atividade autônoma esteve estreitamente atrelado, também no Brasil, à vinda de estrangeiros para as cidades em crescimento. Destarte, apenas é legítimo classificar os desportos no Brasil enquanto esportes – no sentido estrito do termo – quando os exercícios físicos e os jogos se institucionalizaram na forma estabelecida de clubes e confederações. O primeiro clube oficial teve como mote a prática de regatas, em 1888, e foi fundado no Rio Grande do Sul por alemães.

O futebol foi transplantado para o Brasil por Charles W. Miller, brasileiro filho de ingleses. Primeiramente o difundiu entre britânicos que viviam em São Paulo e que até então praticavam o cricket. O primeiro clube a inseri-lo em seu quadro de atividades foi o São Paulo Athletic Club, do qual Miller era sócio. Todavia, há controvérsias quanto à introdução deste estilo de entretenimento, pois alguns sustentam que foram marinheiros ingleses que o trouxeram para o Rio de Janeiro em 1872.

Rosenfeld (1993) é categórico ao sustentar que o futebol aparece no Brasil quando Miller, retornando da Inglaterra em 1894, traz materiais próprios para sua prática. Em princípio foi um modo de lazer dos jovens da elite paulistana, sendo negros e mulatos terminantemente excluídos desta 'nobre atividade'. Ademais, somente os membros da aristocracia local tinham recursos para praticá-lo⁶. Naquela época, o futebol foi encarado como um dos mecanismos de modernização do país, como postula Helal(1990:38): "De início, logo após a atividade de missionário exercida por Charles Miller, o futebol teve como foco de irradiação o meio industrial e aristocrático, ligado aos hábitos de lazer da colônia europeia".

Os primeiros praticantes eram predominantemente rapazes das altas camadas da sociedade, geralmente filhos de grandes proprietários rurais que estavam na cidade estudando Direito ou Medicina. Tendo em vista a já antiga colonização psico-cultural da nação, o futebol foi recebido positivamente pela elite paulista⁷. A primeira dis-

⁶ Considerando que os materiais (chuteiras, bolas, etc.) eram importados da Europa, sua aquisição era muito onerosa.

⁷ Um fato que aponta para a rivalidade entre Rio de Janeiro e São Paulo já naquele período é que, considerando-se que a sociedade carioca tradicionalmente fora marcada pela cultura francesa, desde a época colonial e principalmente imperial, a Província de São Paulo, e mais especificamente a capital, se tornaram – quiçá até mesmo inconscientemente – receptiva aos traços culturais ingleses, clássicos rivais dos franceses (FREYRE, 1948).

puta oficial foi realizada em 19 de julho de 1900 no Rio Grande do Sul. Na ocasião, os jogadores do Esporte Clube Rio Grande jogaram contra a tripulação de um navio britânico ancorado naquela cidade (RAMOS, 1984). Foi somente nas primeiras décadas do século XX que se iniciou a popularização do referido esporte e sua democratização e consagração como elemento premente da cultura nacional, cujo ápice acontece por volta de 1930, quando há a profissionalização. Rapidamente o futebol atraiu não apenas os membros dos clubes restritos, mas também jovens dos colégios locais: “A juventude parece ter tido a intuição (...) de que este esporte era o mais completo do ponto de vista educativo e psicodinâmico” (ROSENFELD, 1993:78).

Questões étnicas⁸ – como a crença na superioridade e/ou inferioridade de uma ou outra ‘raça’ – também aparecem ligadas ao futebol desde o princípio, como era de se esperar, posto que aquele momento, primeira década do século XX, foi marcado pelas doutrinas higienistas de cunho racista. Condição com este pensamento,

Monteiro Lobato sustenta que

“(…) depois de um hino a excelentes qualidades educativas do futebol, no sentido físico e moral, que contribuiu imensamente para a superioridade das nações anglo-germânicas, (...) expressa seu júbilo pelo fato de que a ‘raça neolatina’ conseguiu medir-se com os ‘loiros filhos de Albion’ que viviam em São Paulo. Os netos dos Bandeirantes cobraram ânimo ousadamente diante dos ingleses e fundaram o jogo nativo com uma fúria quase assustadora neste país de bananas.” (LOBATO, apud ROSENFELD, 1993:79).

Gradativamente o futebol foi se tornando meio de ascensão social para negros e mestiços, locus que possibilitava a escalada social independentemente da tradição familiar ou do grau de escolaridade. Filho (1964) defende esta tese, porém seu livro é criticado por não enxergar as verdadeiras vinculações entre as estruturas de classe e o racismo no Brasil. É uma obra abundante em informações, dados e descrições sobre o futebol brasileiro, entretanto, carece de teor analítico e científico

⁸ Tendo como fundamentação a pesquisa de Nogueira (1985), compreenderemos etnia como um conceito que veio a substituir o termo raça pelo fato de que entende como mais importante, na diferenciação entre os grupos humanos, não as questões biológicas, mas sim as culturais. De toda forma, a Antropologia Física e a Arqueologia vêm provando que as semelhanças físicas entre os seres humanos são tão mais numerosas que uma segmentação via ‘raça’ é cada vez mais falaciosa.

no que diz respeito aos aspectos de classe e culturais da nação. Por outro lado, seu detalhamento da origem social dos jogadores profissionais se encontra um tanto defasado se aplicado aos dias de hoje, posto que a partir da década de 1990 proliferaram escolas de futebol em clubes e em colégios de bairros de classe média e classe média alta, os quais vieram fornecer considerável contingente de craques a disputar vagas nos grandes clubes com aspirantes provenientes dos campos de várzea. Em outra passagem de Monteiro Lobato, fica evidente como já naquele tempo, nos primórdios do futebol no Brasil, esse esporte se configurava como condensador de dilemas nacionais, no caso a seguir, o futebol expressava uma espécie de revanche política:

“O povo compreendeu de imediato o extraordinário alcance deste duelo [um jogo amistoso entre brasileiros, de um lado e ingleses, do outro]. Essa luta tinha para a população de São Paulo um significado moral dez vezes maior do que a eleição de um Presidente do Estado. (...) São Paulo reconhece que

cada um desses jovens [os jogadores brasileiros] é socialmente mais importante do que todos os deputados estaduais e federais somados, (...). O último gol do Clube Paulistano contra os ingleses provocou a maior tempestade de aplausos jamais conhecida em São Paulo.” (LOBATO, apud ROSENFELD, 1993:79).

Mais adiante, tal qual alertam os teóricos que enxergam no futebol fator de alienação social, Monteiro Lobato acredita que é através desta instituição coletiva que os problemas sociais e a corrupção se resolveriam, não percebendo que a própria retirada de foco dessas questões auxilia na sua permanência: “É dessa espécie de homens [jogadores] que precisamos. Menos doutores, menos parasitas, menos senhores feudais, menos deputados, menos promotores, menos bajuladores e mais struggle for life, mais ‘homens’, mais nervos (...)” (LOBATO, apud ROSENFELD, 1993:80).

Massificação do futebol

Em princípio o futebol institucionalizado foi praticado pelas camadas ‘superiores’ da sociedade e, enquanto permaneceu esporte amador, teve grau de atratividade similar ao que o basquete possui hoje

em dia no Brasil. Seu público era basicamente feminino. “As filhas de boas famílias, que de início haviam dirigido sua homenagem aos remadores musculosos, voltaram decididamente sua predileção para os lestos e igualmente intrépidos jogadores de futebol” (ROSENFELD, 1993:80). Os jogadores, ou melhor, os esportistas membros de clubes como o Fluminense ou o Paulistano, viajavam com o smoking na mala para eventuais bailes noturnos e se alojavam – por conta própria – em hotéis de luxo. Tais competições eram para eles momentos de lazer, assim como uma forma de fazer turismo em outras cidades. Portanto, “(...) de forma semelhante aos torneios da Idade Média, de que só podiam participar cavaleiros cuja origem nobre pudesse ser provada por quatro gerações, os primeiros jogadores do Paulistano eram predominantemente ‘paulistas de quatrocentos anos’ (...) de ascendência tradicional” (ROSENFELD, 1993:80-81).

Gradualmente o futebol tornou-se símbolo de uma masculinidade elegante patriarcal típica da cultura classe alta, onde o vigor e a potência viril, bem como a retórica galante contava ponto. Enfim, expressava uma espécie de masculinidade cavalheiresca, dirigida ao feminino, diferente da masculinidade que é expressa pelos jogadores atualmente, narcísica, agressiva e vol-

tada para os iguais, como buscaremos mostrar adiante. As ‘peladas’ (termo que designava os campos sem grama nos arredores dos clubes oficiais) eram os espaços onde os ‘moleques’ (negros, mulatos e filhos de imigrantes pobres), que assistiam escondido aos jogos oficiais, tentavam reproduzir os jovens das classes altas, visto que tais se constituíam em modelo para os garotos miseráveis e o fato de serem copiados nesta instância ainda insignificante da vida nacional mostra como as elites já eram imitadas em outros aspectos.

A passagem do amadorismo para o futebol profissional é marcada pela inserção de jogadores de origem ‘humilde’ nos grandes clubes, apesar dos enormes obstáculos que enfrentaram. Segundo alguns autores (FILHO, 1964 p. e.), os atletas negros e pardos seriam pioneiros daquilo que viria a ser chamado ‘o estilo brasileiro de jogar futebol’, o embrião do futebol-arte, que se contrapõe ao futebol técnico dos jogadores europeus. A maneira espontânea de jogar, caracterizada também pela força física, criatividade e improvisação, seria responsável pela ‘ginga brasileira’, elemento imperioso da construção da identidade nacional não só neste quesito, mas também na música, na política (o ‘jeitinho brasileiro’) e na dança (‘a ginga da mulata’).

No tocante à análise étnico-racial do futebol brasileiro, não podemos deixar passar despercebida uma peculiaridade que nos remete à assimetria simbólica que perpassa os séculos no Ocidente cristão: de um lado estaria o racional, o intelectual, o técnico, o humano. Do outro, estaria o emocional, o sentimental, o imprevisível, a natureza. Assim, percebemos que na visão que o 'mundo' tem do futebol europeu e do futebol brasileiro, o primeiro é associado ao humano e o segundo é associado ao 'animalesco' (o latino-americano de modo geral, e em especial os negros e mestiços do Brasil). Em concepções ufanistas, tais leituras não aparecem; este é o caso de Freyre (1987), para quem as qualidades do futebol no Brasil, a maneira artística de jogar, os dribles inesperados e os gingados confirmam a brasilidade, o resultado da mistura de raças⁹, fato encarado por ele como um dos mais positivos na construção da identidade nacional. Isso se vincula à idéia de 'democracia racial' proposta pelo mesmo autor e, segundo ele, explica o futebol nacional e o próprio 'caráter' da nação.

Como os garotos das classes inferiores muitas vezes não tinham o que fazer, por conseguinte,

possuíam todo o dia para se exercitarem no novo esporte. Em consequência, logo desenvolviam uma técnica diferente, inovadora em relação à forma de jogar trazida da Europa e, aqui, teria sido o início do chamado 'jeitinho brasileiro de jogar futebol'. Fato que contribuiu para a democratização e popularização do futebol foi a criação, em 1904, do The Bangu Athletic Club. Os ingleses fundaram a agremiação diretamente adscrita à fábrica de tecidos que existia nesse subúrbio carioca, sendo o campo construído nas proximidades da indústria. Como não foi possível serem constituídas quatro equipes completas só com homens de origem britânica, viram-se 'obrigados' a instar operários da fábrica para integrar os times. A direção da tecelagem achou positiva a participação de seus empregados nesse esporte, já que recentemente haviam tomado conhecimento que "(...) os fabricantes de tecidos ingleses na Rússia fomentavam o futebol entre os turnos para animar a disposição ao trabalho e seu *esprit de corps*" (ROSENFELD, 1993:82).

Desta maneira, iniciou-se a mescla de trabalhadores pobres – negros, mestiços e brancos forasteiros – com estudantes de Direito e

⁹ Tais aspectos psico-corporais dizem respeito àquele conjunto de estereótipos que Osvaldo Sargentelli consagrou como típicos da mulata brasileira: o *ziriguidum*.

de Medicina da alta sociedade no campo da indústria mencionada. Portanto, muitas balbúrdias da política de clubes e federações desse período explicam-se por um persistente e latente conflito de classes. Em 1913 o Clube Paulistano rompeu a associação municipal existente e fundou uma nova, pois "(...) exigia que as equipes fossem integradas por jovens delicados e finos" (ROSENFELD, 1993:83). É oportuno constatar que até hoje o Clube Paulistano não se dedica a este esporte, devotando-se seus membros quase que exclusivamente ao tênis e a outras atividades sociais, como os bailes. O impacto desta 'mistura' de pessoas de diferentes classes e origens sociais não passou despercebida pelos cronistas da época: "De repente apareceram inúmeros esportistas de outras zonas (quer dizer, dos subúrbios) e outros costumes (...). Os mais velhos, fiéis aos hábitos anteriores, receberam seus companheiros com hostilidade (...)" (MAZZONI, apud ROSENFELD, 1993:83).

Outra diferença social que dificultou a interação entre os componentes da elite com os das classes pobres e proletárias foi o alto grau de analfabetismo dos elementos 'de cor', assim como o grau de desconhecimento da língua portuguesa por parte dos imigrantes não-lusitanos. Rosenfeld (1993) aponta que muitos clubes chegaram a contratar professores particulares para

que seus jogadores aprendessem o mínimo, como assinar o próprio nome. Apesar disso, ainda vigorava o amadorismo no futebol, qualquer tentativa de profissionalização era vista com desdém, pois o esporte não podia passar de uma diversão. De fato,

"(...) a exigência de uma atividade amadorística pura, provada através do exercício de uma profissão (ou da posse de uma fortuna), foi um dos meios mais importantes para impedir a penetração de elementos indesejáveis nas associações aristocráticas, e a criação de empregos fictícios pelos clubes um dos meios importantes para contornar esse empecilho" (ROSENFELD, 1993:84).

Por intermédio deste último acontecimento, vemos como o futebol brasileiro esteve marcado, desde seus primórdios, pelo signo da burla (o drible), originada pelas desigualdades sócio-culturais e econômicas.

Caldas (1990) estudou a trajetória inicial do futebol brasileiro no período de 1894 a 1933, época que coincide em alguma medida com a Primeira República. Sua preocupação é articular como a transmutação do amadorismo à profissionalização foi coerente com transformações na ordem econômica, social e política em nosso país. Entre suas descobertas destacamos

que a democratização do futebol, especificamente no Rio de Janeiro, aconteceu devido a um fator étnico-geográfico daquela cidade. Como já dissemos, visto que no bairro de Bangu, subúrbio onde se localizava uma fábrica de tecidos de propriedade inglesa, não havia jogadores suficientes de origem anglo-saxã que formassem times inteiros, a direção da indústria se viu coagida a aceitar operários de diferentes origens nos times (mulatos, portugueses, italianos, mestiços em geral e negros). Isso abriu um precedente: a entrada de membros da classe pobre nos jogos oficiais, situação rejeitada pela elite até aquele instante.

Outro mito que o autor desmascara, assim como o da democracia racial, é o absoluto 'amor à camisa' dos jogadores de antigamente o que, de acordo com a mídia, se opõe aos atuais 'mercenários astro-atletas'. O pesquisador demonstra, através de minuciosa pesquisa historiográfica, que o movimento pela profissionalização existia pelo menos desde 1920, tendo em vista que cada vez mais jogadores precisavam de remuneração para poderem se dedicar com exclusividade aos treinos e competições. Conforme analisa o autor, a não divulgação destes eventos se faz em razão dos interesses da imprensa, que rebusca o passado de forma idealizada, oblitando também o fato de que Getúlio

Vargas utilizou tal esporte no seu programa político-psicológico populista, vinculando-o a temáticas como a paixão nacionalista em seus discursos demagógicos. As equipes foram se tornando o cartão de visitas dos clubes que, como instituições sociais e dali em diante também esportivas, foram concentrando interesses financeiros cada vez mais pesados (CALDAS, 1990). As diretorias logo perceberam que nas camadas pobres da população, entre negros, mulatos e filhos de imigrantes, enorme quantidade de praticantes era muito talentosa.

O futebol em Belo Horizonte

Em Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, o futebol aportou imerso em todas essas circunstâncias. Sobre esse contexto específico, as informações a seguir foram colhidas em levantamentos realizados em sites especializados e em trabalhos voltados para os times de Belo Horizonte: Clube Atlético Mineiro, América Esporte Clube e Cruzeiro Esporte Clube. Salientamos que muitas vezes a subjetividade floresceu nas informações divulgadas, tendo em vista que foram torcedores os autores dos sites consultados. É mister informar que não encontramos obras de cunho científico – te-

ses acadêmicas – que tratassem da origem histórica dos times nessa cidade. Segundo a home page <http://www.horizontes.com.br/~mpessoal/galo>, em 1897 era fundada a cidade de Belo Horizonte. Dos 13 mil habitantes em 1900, a cidade pulou para 20 mil em 1920. Nesta época surgiram as primeiras faculdades – de Medicina, Direito e de Engenharia – e as colônias de estrangeiros.

Em 1903, chegou a Belo Horizonte o acadêmico de Direito Victor Serpa, carioca recém-chegado da Suíça, onde aprendera a jogar futebol. Ele percebeu que faltava lazer na cidade e lembrou-se do futebol, que para ele tinha tudo para dar certo num lugar repleto de estudantes. No dia 10 de junho de 1904, Serpa e dezenas de companheiros fundaram o Sport Club Foot-Ball, primeira associação esportiva de futebol de Minas Gerais. É importante destacar o nome totalmente em inglês da primeira agremiação. O campo foi construído na Rua Sapucaí, Bairro Floresta. A primeira partida de futebol foi no dia 03 de outubro, entre dois times do próprio clube: o de Victor Serpa e o de Oscar Americano. Logo foram fundados mais dois clubes: o Plínio Futebol Clube e o Club Athletico Mineiro – mas, não era o Clube Atlético de hoje. Criaram a Liga de Futebol e disputaram o primeiro campeonato, todavia, o título não foi definido, pois as chuvas estragaram

o campo e os jogadores entraram em férias escolares.

Victor Serpa voltou para o Rio de Janeiro e faleceu em 1905, tendo sido o responsável pelo futebol mineiro. Outros clubes surgiram nos anos seguintes, tais como o Estrada F.C., Juvenil F.C., ViSerpa F.C. (em homenagem a Victor Serpa) e o Brazil F.C. Os jovens universitários, principalmente membros da elite mineira, faziam parte do América Futebol Clube, uma agremiação fechada que não permitia o ingresso de pessoas fora do restrito circuito das famílias tradicionais de origem ouro-pretana, carioca, paulista e da Zona da Mata. Durante curto período, nos primórdios da nova capital, foi o time que mais títulos venceu. O time Morro Velho F. C. também tinha grande expressividade na época, fundado por ingleses da mineração de Nova Lima, e agora conhecido como Villa Nova. Os portugueses, que eram numerosos em Belo Horizonte, fundaram um time chamado Lusitano Athletic Club.

Em 25 de março de 1908, 22 jovens fundaram o Atlético Mineiro Futebol Clube a partir de uma reunião na arquibancada do Parque Municipal que era usada para apresentações da banda da Polícia Militar. O grupo tinha média de idade de 13 anos e era liderado por Margival Mendes Leal. Os garotos passavam as tardes no local e eram impedidos

pelos mais velhos de participar dos jogos; inconformados com isso, decidiram criar uma outra equipe. O ponto de reunião era a casa número 317 da Rua Guajajaras, onde morava Dona Alice Neves, que se tornou madrinha do clube e fundou a primeira torcida organizada do Brasil, que foi feminina. O primeiro campo localizava-se à Rua Guajajaras, entre as Ruas São Paulo e Curitiba. Mais tarde foi trocado por um quarteirão na Avenida Paraopeba (hoje Augusto de Lima). Mas ali não durou muito: a área foi requisitada para a construção da Secretaria da Educação (hoje Minascentro) e o Atlético passou a ocupar o campo que foi do Sport Club, ao lado da antiga estação rodoviária.

A fim de convencer que o então prefeito da cidade, Olinto Meireles, doasse o terreno ao Atlético, o clube contou com o apoio do Major Antônio Antunes, posto que seus filhos faziam parte do quadro de associados. Conforme Galuppo (2001), sem recursos econômicos, os próprios diretores e jogadores do Atlético se encarregaram de limpar, capinar e terraplenar o espaço. Foi também Dona Alice Neves, mãe de um dos fundadores, quem confeccionou o primeiro pavilhão preto e branco. O primeiro mastro foi doado pelo Dr. Benjamim Jacob, superintendente da Central do Brasil (parte da Rede Ferroviária Federal) em Minas Gerais. O

enorme objeto foi levado no ombro pelos próprios torcedores e associados do clube. A primeira diretoria foi composta por Margival Mendes Leal (presidente), Mário Lott (secretário) e Eurico Catão (tesoureiro).

O nome Clube Atlético Mineiro só foi adotado em 1913 e a equipe inicial não contava com nenhum italiano de nascimento. É importante destacar este fato para contrapô-lo ao que aconteceu no início do Cruzeiro, rival por excelência do Atlético. A equipe era formada por: Margival Mendes Leal, Raul e Hugo Fracarolli (filhos de italianos), Mário Neves (neto de portugueses), Carlos Maciel, João Barbosa, Antunes Filho, José Soares, Mário Toledo (filho de espanhóis), Júlio Meneses (português), Sinval Moreira, Jorge Dias, Eurico Catão, Mário Hermanson Lott, Benjamin Moss (neto de alemães), Aleixanor Alves, Augusto Soares. Dois anos depois os fundadores conseguiram comprar a primeira bola, de segunda mão, e realizar o primeiro coletivo. Já em 1911 foi disputada a primeira partida oficial do clube, que acabou em 0 x 0, contra o Minas Gerais Futebol Clube. No mesmo ano o time mudou seu nome para Clube Atlético Mineiro e começou a treinar no campo do Sport Club.

A primeira bola do clube lembrava àquelas utilizadas nos jogos de rugby, esporte relativamente

praticado no Brasil naquele momento que, porém, desapareceu depois da vinda do futebol. Os garotos sócios estipularam entre si que cada um havia que pagar uma mensalidade de 500 réis. Após uma derrota para o Atlético em 1909, o Sport Clube, primeiro time fundado em Belo Horizonte, nos idos de 1904, encerrou de vez suas atividades. Em 1911 houve a primeira eleição oficial, e Aleixanor Pereira foi escolhido como presidente eleito. No entanto, foi preciso mais um ano de jogos até que conseguisse sua primeira vitória. No dia 30 de março de 1912, o Atlético venceu o Acadêmico Esporte Clube (formado apenas por universitários) por 4 x 1. Dois anos depois, participou do primeiro campeonato oficial de Minas Gerais. O campo definitivo só veio em 1915, já que o Estado requisitou a área na Av. Paraopeba para a construção da Secretaria de Saúde, e portanto, doou um terreno ao Atlético na atual Av. Olegário Maciel, onde se mantém até hoje.

Como foi dito, a primeira edição do Campeonato Mineiro aconteceu em 1915, e o título foi

conquistado pelo Atlético. É pertinente destacar o primeiro slogan do clube, elaborado em 1913, "Atlético, A Alegria do Povo", pois já o identificava com algo bastante popular. Além do fechamento do Sport club, nessa época uma crise política-administrativa pôs fim ao Yale Athletic Club, um dos clubes esportivos pioneiros de Belo Horizonte, onde militavam alguns imigrantes italianos que, a exemplo dos compatriotas em São Paulo que fundaram o Palestra Italia, queriam que a colônia em Minas também tivesse seu clube exclusivo; este, posteriormente, se transformou no Cruzeiro Esporte Clube. Outro aspecto curioso sobre o Atlético, esclarecido por Gallupo (2001), é a expressão 'campeões do gelo', que consta no hino da agremiação. Tal se deveu ao fato de que após uma excursão à Europa, no inverno daquele continente, o Atlético venceu várias partidas, mesmo com os gramados cobertos de gelo.

Como já colocado, houve no início de Belo Horizonte um clube de estrutura frágil chamado Yale. Com a dissidência no Yale, de onde saiu a maioria dos jogadores, asso-

¹⁰ Esta expressão culturalista é transgressora do ponto de vista teórico: tomando em consideração nosso sistema de categorias sociais tradicional, como alguém pode ser italiano e paulista ao mesmo tempo? Nessa perspectiva – pós-moderna – vários antropólogos/as, como MENDONÇA (1994), se apóiam para dizer que no Brasil surgiu uma nova forma de se categorizar as pessoas, menos dicotômica e essencialista, por isso tem dificuldade em ser aceita pelos movimentos raciais e de gênero mais radicais (nestes, respectivamente a figura do mulato e do bissexual-andrógino ainda não são compreendidas e conseqüentemente, são desconsideradas nas macro-análises).

ciados e, principalmente, dirigentes, ficou decidida a fundação de um novo clube com o nome de Palestra Italia, como seu co-irmão de São Paulo, criados pelos italianos paulistas¹⁰ em 1914. Assim, em Dezembro de 1920 nascia a Società Sportiva Palestra Italia, também conhecido como Palestra Mineiro. Não foi difícil a montagem da agremiação e, mormente, do time, posto que a maioria dos jogadores era do Yale, vindo depois atletas do Atlético, do Ipanema e do Guarani. A sede ficava no bairro Barro Preto – onde atualmente é o Fórum Lafayette. Seus sócios e jogadores reuniam-se numa fábrica de calçados localizada à rua dos Caetés, chamada Ranieri Filhos. Lá discutiam resultados, atuações e decidiam assuntos ligados à associação esportiva em questão.

Quem freqüentava assiduamente as reuniões eram os italianos e do aborrecimento com a pouca expressão do time a uma crise, foi um pulo. Alguns jogadores pediram o desligamento da equipe e a maioria dos sócios não se conteve e demitiu-se. O Yale entrou em liquidação e os imigrantes resolveram seguir o exemplo de seus 'irmãos' de São Paulo que haviam fundado o Palestra local para congregar, exclusivamente, membros da colônia. A iniciativa foi tomada por Nulo Savini, Domingos Spagnulo, Silvio e Enricheto Pirani, Arduíno Savassi, Júlio Lazzaroti,

Amleto Magnavacca, Henriqueto Pirani, João Ranieri e Rocco Mancini. Outros italianos se comprometeram a ajudar no que fosse preciso, principalmente na parte financeira. Em 23 de setembro de 1923 o clube inaugurou seu estádio, no Bairro Barro Preto, ao lado de onde, anteriormente, treinava o extinto Yale. Certa feita, o Palestra organizou uma festa para os grandes clubes de então da qual participaram até mesmo o cônsul da Itália no Brasil, Conde Belli de Sardes, e sua esposa, a Condessa de Provana.

No dia 20 de Dezembro de 1920, o Cônsul italiano de Belo Horizonte presidiu o encontro que teve a presença de 195 pessoas que assinaram a ata inaugural. Com a ajuda dos comerciantes da colônia, solicitou-se à diretoria do Palestra Italia de São Paulo o envio de uma cópia do seu estatuto, que foi aprovado quase que integralmente nessa ocasião. Várias propostas foram aprovadas, marcando nova reunião para o dia 02 de janeiro de 1921. Nesta data, imigrantes e descendentes, participantes da extinta associação Casa di Italia, compareceram para a fundação da Società Sportiva Palestra Italia e tomaram uma série de decisões: 1- que os estatutos do novo Clube tivessem uma cláusula limitando a admissão de sócios e atletas aos italianos natos ou a seus descendentes diretos; 2- que a men-

salidade custasse 3 mil-réis, tanto para sócios quanto para os atletas; 3- que as cores fossem verde, branco e vermelho.

Em 1925 foi retirada a cláusula que estipulava que apenas italianos ou filhos destes pudessem integrar tanto o time quanto o clube, isto é, participar como atleta ou sócio. Nesse período os campeonatos ainda eram bastante desorganizados, o que fazia com que pequeno público comparecesse somente nos 'já clássicos' duelos entre Cruzeiro, América, Atlético e Villa Nova. Para conceder um caráter mais formal a esse tipo de lazer, em 1933 Palestra, Atlético, Siderúrgica e Villa Nova adotaram o regime remunerado, instaurando a primeira liga profissional do Estado: a Associação Mineira de Esportes (SANTANA, 2000). Uma preliminar tentativa de mudança de nome foi esboçada ainda nesse momento, visto que o termo Itália dificultava a conquista de mais torcedores, especialmente das outras colônias de imigrantes. Contudo, tal proposta foi rechaçada por um grupo minoritário, mas oligárquico. Em janeiro de 1942 um Decreto-Lei de Getúlio Vargas impediu o emprego de termos diretamente atrelados às nações 'inimigas' envolvidas na Segunda Guerra Mun-

dial, sendo isso um incentivo ainda maior para a abolição do nome Palestra Italia.

Até então o clube teve o nome de Società Sportiva Palestra Italia, porém, o conflito que abalava o Mundo na ocasião, a II Guerra, teve reflexos na vida política do país; em função do rompimento de relações do Brasil com os países do 'Eixo' (Itália, Alemanha e Japão) aconteceu a mudança do nome para Sociedade Esportiva Palestra Mineiro¹¹. Em 1942, quando o Brasil declarou guerra à Alemanha e à Itália, os italianos de Belo Horizonte ficaram em situação difícil e para evitar maiores problemas, o Presidente da associação, Enne Poni resolveu, sem consultar o Conselho Deliberativo, mudar o nome de Palestra Mineiro para Ypiranga. Essa designação não logrou as simpatias do Conselho, sendo escolhido por unanimidade o de Cruzeiro Esporte Clube, após sugestão do ex-presidente Oswaldo Pinto Coelho. Ao mesmo tempo eram alteradas as cores do Clube, que passaram para azul e branco (tendo ao centro a configuração do Cruzeiro do Sul).

Visto que entrou em severa crise financeira, o clube começou a fazer diversos amistosos pelo in-

¹¹ A primeira diretoria foi composta por: Aurélio Noce (Presidente), Giuseppe Perona (Vice), Aristóteles Lodi (1º Secretário), Domingos Spagnolo (1º Tesoureiro) e João Ranieri (Comissão de Esportes) além de António Pace como suplente.

terior de Minas Gerais em troca de remuneração. Esse é um dos motivos para um fenômeno bastante perceptível para quem quer que investigue o futebol mineiro atualmente: a torcida atleticana é maior na capital, contudo, a torcida cruzeirense, sendo maior no interior do Estado, suplanta a primeira, ainda que sutilmente, em números absolutos. Com a construção do Mineirão (Estádio Magalhães Pinto) em Belo Horizonte, em 1965, o futebol mineiro quebrou seu aspecto 'interiorano', já que Atlético, Cruzeiro e até mesmo o América passaram a disputar grandes competições nacionais. É essencial também destacar que, entre os principais dirigentes do Cruzeiro, desde os tempos de Palestra Italia, todos são de origem italiana direta: Aurelio Noce, Miguel Perrella, Felício Brandi, Benito Masci, Zezé Perrella.

Considerações finais

A partir desta teorização descendente, ou seja, desde os primórdios do futebol no Velho Mundo até sua instauração na Capital mineira, podemos concluir que, seguramente, o futebol é uma instituição social que possui dimensões sócio-culturais e econômicas que incitam muitos estudos nas Ciências Humanas hoje. Grande parte dos textos sobre futebol no Brasil enfatiza sua história e seu papel na

constituição da identidade nacional – este é o caso do trabalho de Guedes(1998). Com relação à pesquisa de Gil (1994), há destaque para a relação entre a prática futebolística e nacionalidade, onde o autor enfoca a imagem do 'futebol-arte' como representante da miscigenação do povo e fonte de identificação dos brasileiros. Segundo esta obra, a cultura mestiça do nosso país teria originado o estilo mandro de se jogar bola, entretanto ele nota que tal característica – uma peculiaridade do Brasil – estaria sendo ameaçada pela mercantilização e pela europeização do esporte, cada vez mais agudas a partir dos anos 1970.

Desta forma, a magia, a paixão e o talento inato (biológico?) estariam sendo substituídos pela seriedade, disciplina e rigor que caracterizaria o futebol internacional. Já a hipótese central de Ramos (1984) é que o futebol desempenha na sociedade brasileira, especificamente, e também em todo o Ocidente, variados papéis ideológicos. Em primeiro lugar ajudaria a sustentar os Estados ditatoriais, fazendo com que os conflitos sejam pacificamente desarticulados, visto que, enganosamente proporcionaria a sensação de que todos – burgueses, operários, ricos, pobres, negros, brancos – são iguais: torcedores de um mesmo time. Neste sentido, criaria a falsa impressão

de que a sociedade é democrática: "(...) as relações de dominação e exploração capitalista desaparecem. São substituídas pela identificação dos torcedores, ou no máximo pela divergência clubística. Há a implantação de outra dimensão do real. Os torcedores possuem um objetivo comum" (RAMOS, 1984:33).

Isso, na interpretação do autor, faz com que a população desenvolva uma posição acrítica e passiva diante da realidade. Os altos salários dos jogadores, bem como a ascensão de pouquíssimos elementos vindos das classes pobres não são questionados, ou seja, atribuí-se ao talento pessoal ou a sorte que este ou aquele 'favelado' consiga ascender economicamente jogando futebol, o que endossa a péssima distribuição de renda e oportunidades no país. Nestes termos, o futebol causaria a ilusão no menino pobre que ele pode ter uma boa condição financeira apenas através daquele esporte e não por outros meios – como se tornar um empresário, um juiz de direito etc. ('isso não é pra ele'). Tal ocorreria porque os meios de comunicação de massa absolutizam o futebol, lhe dão um caráter transcendental, como se sempre tivesse existido, ocultando sua origem sócio-histórica e as ocasionais manipulações dos resultados de acordo com os interesses financeiros dos clubes e dos patrocinadores.

As implicações de tudo o que aqui foi exposto para o campo da Educação Física são muitas, no entanto, algumas colocações essenciais seriam: os estilos e as técnicas corporais de se praticar qualquer esporte, inclusive o futebol, não são fatos biológicos e/ou genéticos, mas sim produtos culturais. Nesses termos, não há uma essência do jogador negro, do ginasta oriental ou do dançarino latino-americano em se tratando de performances corporais. Essa constatação nos conduz ao segundo ponto: o futebol é um campo, literalmente, generificado, isto é, as categorias masculino e feminino são, via de regra, associadas ao vencedor e ao perdedor, respectivamente. Assim sendo, os profissionais da Educação Física devem estar atentos para o fato de que nossa cultura privilegia a força bruta nos meninos e a faceirice dos movimentos nas meninas desde tenra idade, portanto, os desempenhos de alunos e alunas, na adolescência e idade adulta, não serão os mesmos.

Em terceiro lugar há que se evidenciar as questões étnicas e raciais que, inversamente do que propugna a mídia brasileira, não desaparecem no futebol, apenas tomam outras formas e feitios de se explicitarem. Em outras palavras, a sociedade não deixa de ser racista exclusivamente em função do de-

sempenho ou do talento de um certo jogador. Conseqüentemente, numa situação de ofensa, a torcida de um time europeu, por exemplo, não grita 'macaco' para qualquer jogador brasileiro ou estrangeiro que esteja atuando mal, mas, como o preconceito é 'inteligente', sabe que o efeito do insulto somente será alcançado – i.e., atingir a subjetividade do outro – em atletas afro-descendentes. Em resumo, educadores, técnicos e outros profissionais esportivos não podem permanecer negligentes perante esses e outros temas sócio-culturais dos esportes no mundo atual.

Referências

- ADORNO, Theodor. "A indústria cultural". In: COHN, Gabriel (org.). *Textos de Theodor W. Adorno*. São Paulo: Ática, 1986.
- ALMEIDA, Miguel Vale. *Senhores de si – uma interpretação antropológica da masculinidade*. Lisboa: Fim de Século, 1995.
- ARAÚJO, J. *Imigração e futebol: o caso do Palestra Itália*. Campinas: UNICAMP, 1996. (Dissertação de Mestrado).
- BOURDIEU, Pierre. *Questões de Sociologia*. Rio de Janeiro: Marco Zero, 1983.
- CALDAS, Waldenyr. *O pontapé inicial: memória do futebol brasileiro*. São Paulo: IBRASA, 1990.
- DA MATTA, Roberto. et alii (orgs.). *Universo do futebol: esporte e sociedade brasileira*. Rio de Janeiro: Pinakotheke, 1982.
- _____. *Carnavais, malandros e heróis: para uma Sociologia do dilema brasileiro*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.
- ELIAS, Norbert. *O processo civilizador – uma história dos costumes*. Rio de Janeiro, Zahar, 1990.
- ELIAS, Norbert; DUNNING, Eric. *A busca da excitação*. Lisboa: DIFEL, 1992.
- FILHO, Mário. *O negro no futebol brasileiro*. São Paulo: Civilização Brasileira, 1964.
- FOUCAULT, Michel. *Vigiar e punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1989.
- FREYRE, Gilberto. *Casa grande & senzala: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1987.
- _____. *Ingleses no Brasil: aspectos da influência britânica sobre a vida, a paisagem e a cultura do Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1948.
- GALUPPO, Ricardo. *Raça e amor – a saga do Clube Atlético Mineiro vista da arquibancada*. Belo Horizonte: DBA, 2001.
- GIL, Gilson. "O drama do 'futebol-arte': o debate sobre a seleção nos anos 70". In: *Revista Brasileira de*

- Ciências Sociais. nº. 25; ano 9. Jun/1994. pp. 97-134.
- GUEDES, Simoni L. "O povo brasileiro no campo de futebol: o futebol e a construção da identidade nacional". In: Letras. Nº 54/56. Ago/out 1998.
- _____. O Futebol brasileiro – instituição zero. Rio de Janeiro: Museu Nacional, 1977 (Dissertação de Mestrado).
- HELAL, Ronaldo. O que é Sociologia do Esporte. São Paulo: Brasiliense, 1990.
- MENDONÇA, Cleonice P. "Negro. Cidadão brasileiro?" In: Dinâmicas multiculturais – novas faces, outros olhares. Actas das sessões temáticas do III Congresso LusoAfroBrasileiro de Ciências Sociais. Lisboa: Universidade de Lisboa, 1994.
- MOURA, Gisella. O Rio corre para o Maracanã. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1998.
- NOGUEIRA, Oracy. "Preconceito racial 'de marca' e preconceito racial 'de origem'". In: Tanto preto quanto branco: estudos de relações raciais. São Paulo: T. A. Queiroz, 1985. pp. 67-93
- PRONI, Marcelo. A metamorfose do futebol. Campinas: UNICAMP, 2000. (Tese de Doutorado).
- RAMOS, Roberto. Futebol: ideologia do poder. Petrópolis: Vozes, 1984.
- RODRIGUEZ, Ernesto. "Fútbol y homosexualidad – un deporte para machos". In: ALABARCES, Pablo et al (orgs.). Deporte y sociedad. Buenos Aires: Eudeba, 1998.
- ROSENFELD, Anatol. Negro, macumba e futebol. São Paulo: Perspectiva, 1993.
- SANTANA, Jorge. Páginas heróicas – onde a imagem do Cruzeiro resplandece. Belo Horizonte: DBA, 2000.
- SOARES, Carlos E. L. A negregada instituição: os capoeiras no Rio de Janeiro 1850 – 1890. Campinas: n. d., 1993.
- TOLEDO, Luiz H. "Short cuts – histórias de jovens, futebol e condutas de risco". In: Revista Brasileira de Educação. mai/jun/jul/ago – 1997, nº 5.
- VARGAS, Gerardo; ROJAS, Walter. "Violencia doméstica y fútbol – alguns aspectos sociales del deporte". In: Revista de Ciencias Sociales. nº 90-91. 2001.
- WITTER, José S. (org.). "Introdução". In: Futebol e Cultura. São Paulo: IMESP, 1982.

Contatos
marleoni@yahoo.com.br

Recebido em: ago/2005
Aprovado em: mar/2006